



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Horácio Nunes
Coração de mulher



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Coração de mulher

Horácio Nunes

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1898.

Livro Digital nº 604 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Horácio Nunes Pires

(1855 – 1919)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

CORAÇÃO DE MULHER



PERSONAGENS:

JÚLIA (20 anos)

LUIZ (22 anos)

ALFREDO (25 anos)

DOUTOR (40 anos)

Atualidade.

ATO I

Gabinete de pintura. Portas no fundo e à direita. À esquerda porta e janela. Quadros presos às paredes. Próximo à janela, um cavalete onde se vê um desenho começado. É noite.

CENA I

JÚLIA (*sentada, depois de ler uma carta*)

Um adereço no valor de dez contos... Deve ser rico!... (*Pausa*) E eu podia tê-lo... realçar o brilho da minha beleza com o esplendor dos brilhantes... se não fora Luiz... (*Pausa*) Para que lhe dei a minha mão?... Por que não esperei?... Podia fazê-lo... Hoje aparecer-me-ia Alfredo – moço, belo, rico, muito rico – para tirar-me da obscuridade, para apresentar-me na sociedade, trajando sedas, coberta de ouro, ofuscando com a minha grandeza a beleza de muitas mulheres... curvando-as a meus pés... (*Pausa*) Luiz incomoda-me... Tenho-lhe amor... mas amo mais a riqueza, a opulência, a minha formosura!...

CENA II

Júlia e Luiz.

LUIZ (*fora*)

Júlia! Júlia!

JÚLIA (*erguendo-se e escondendo precipitadamente a carta no seio*)

Ah!

LUIZ (*entrando*)

Somos ricos, minha querida!... Acabo de contratar sete quadros representando os sete passos de Cristo para a igreja de São Pedro! Três contos de réis, Júlia! Comprar-te-ei um enfeite de um conto... um vestido bonito... Oh! como estou contente!... Dá-me um abraço!... (*Abraça-a*) Como hás de ficar bonita com as mãos cheias de anéis, o pescoço brilhante de colares, vestida de sedas... Oh! serás uma rainha... Levar-te-ei ao teatro... Todos admirarão a tua beleza!...

JÚLIA (*friamente, à parte*)

Um adereço de dez contos!

LUIZ

Quando te virem passar, dirão as mais mulheres, cheias de inveja: – “Esta mulher é o nosso anjo mau, porque ofusca-nos a formosura!” – Dirão os homens conscienciosos, arrebatados ao ver-te: – “Esta mulher parece um anjo, e é uma rainha na beleza, porque atrai a quantos a veem.” – E tu levantarás orgulhosa essa fronte de Madona, e eu serei soberbo em ter o teu amor!... Era este o meu único desejo: – tirar-te do esquecimento... Muitas vezes me perguntaste por que eu vivia triste, não é verdade? Pois bem: o motivo da minha tristeza eras tu...

JÚLIA (*concentrada*)

Eu?...

LUIZ

Sim. Eu sofria ao ver-te tão moça, tão formosa, aqui, esquecida e ignorada como uma flor no deserto... e só lembrada e muito amada por mim... Eu queria que aparecesses, que fosses vista e admirada

por todos, porque isso me tornaria feliz! (*Reparando na concentração de Júlia*) Mas... o que tens?... Estás distraída... Acaso não tomas parte na minha alegria, esta alegria tamanha, que o meu coração é pequeno para contê-la? Júlia... o que tens? Que tristeza é essa?... Estás pálida...

JÚLIA (*limpando os olhos*)
Eu!...

LUIZ
Choras?... Oh! meu Deus! O que tens, Júlia?

JÚLIA
Eu... nada...

LUIZ
Nunca te vi assim. Ainda esta manhã cantavas como um passarinho... Por que são essas lágrimas, Júlia?... Não vês que essas lágrimas me torturam?... Serei eu a causa da tua tristeza?... Oh! não chores... Fala... dize-me o que tens...

JÚLIA
Eu... lembrava-me da nossa infância...

LUIZ
Da nossa infância?

JÚLIA
Desses dias tão felizes em que brincávamos juntos, Luiz; em que corríamos pelo campo atrás das borboletas que nos desafiavam a prendê-las... Lembras-te?

LUIZ
Lembro-me... Formoso tempo foi esse...

JÚLIA
Não tens saudades? Eu tenho... Éramos tão pobres!

LUIZ

Mas éramos felizes.

JÚLIA

Tu pescavas no rio, para sustentar tua mãe... eu... eu fazia meiguices a meu pai... Tu eras tão pequeno ainda!... Todos te chamavam o lindo pescador, o bom filho... A mim, lembras-te como me chamavam?...

LUIZ

O loiro anjinho, a rosa do céu.

JÚLIA (*indicando uma cadeira*)

À Ave-Maria nos ajoelhávamos juntos aos pés de meu pai, que se sentava naquela cadeira, que conservo como uma recordação do passado. Uníamos as mãos e rezávamos. O bom velho sorria-se ouvindo as nossas vozes. Depois, tu ias para casa abraçar tua mãe. No dia seguinte, de novo corríamos pelo campo, pescávamos no rio, rezávamos juntos... Lembras-te?...

LUIZ

Como bem descreves esse tempo!... Sempre nos amamos muito... não é assim...

JÚLIA (*como que a custo*)

Sempre, Luiz!

LUIZ

Quem testemunhasse estas provar de amor, diria que somos dois noivos, que nos casamos ontem... E, no entretanto, há quatro anos que somos casados... Mas nesses quatro anos cada vez mais ardente se tem tornado o nosso mútuo amor...

JÚLIA (*com um movimento brusco*)

Luiz! (*Outro tom, abraçando-o*) Como somos felizes... não é assim?...

LUIZ

Assim é que eu quero ver-te sempre: rindo e cantando!

(Batem)

JÚLIA

Quem será?

LUIZ *(à porta)*

Queira entrar, senhor.

CENA III

Júlia, Luiz e Alfredo.

ALFREDO *(à porta)*

Vim, talvez, incomodá-lo...

JÚLIA *(à parte)*

Alfredo! Ele!...

LUIZ

De modo algum. Tenha a bondade de entrar.

ALFREDO *(cumprimentando)*

Minha senhora.

JÚLIA *(friamente)*

Senhor...

ALFREDO

Precisando eu de alguns quadros, lembrei-me do senhor como excelente pintor.

LUIZ

Obrigado, senhor. Sou pintor, mas estou muito longe de considerar-me excelente pintor.

ALFREDO

Pode mostrar-me alguns trabalhos?

LUIZ (*mostrando os quadros*)

Aí tem diversas paisagens. Queira examiná-las, enquanto vou ao outro gabinete buscar o que considero o meu melhor quadro... É um momento.

ALFREDO

Pois não.

LUIZ

Com licença. (*Sai*)

CENA IV

Alfredo e Júlia.

ALFREDO

Recebeu a minha carta?

JÚLIA

Recebi.

ALFREDO

Aceita?

JÚLIA

Aceito.

ALFREDO (*vendo o relógio*)

São nove horas. Onde me espera às dez?...

JÚLIA (*hesitando*)

Em parte alguma.

ALFREDO

E como aceita a minha proposta?...

JÚLIA

E Luiz?

ALFREDO (*tirando uma caixinha do bolso*)

Aqui está. Veja como esses brilhantes cintilam... (*Júlia abre a caixinha*)

Cega o seu brilho?... São seus.

JÚLIA

Tanta riqueza... para mim?

ALFREDO

Veja quanto valem os seus encantos, que troco essa riqueza por um volver de seus olhos, por um sorriso de seus lábios...

JÚLIA (*escondendo a caixinha*)

Aí vem Luiz.

ALFREDO

Onde me espera?...

JÚLIA

Venha às dez horas.

CENA V

Júlia, Alfredo e Luiz.

LUIZ (*com um quadro na mão*)

Ei-lo. É o quadro que mais estimo.

ALFREDO (*depois de examinar o quadro alguns instantes*)

É realmente belo.

JÚLIA (*à parte, como que assaltada de uma ideia*)

Madalena arrependida!

ALFREDO (*olhando para Júlia e para o quadro, como que a comprar*)
Mas que coincidência!

LUIZ
Como?...

ALFREDO
Esta Madalena é...

LUIZ
É Júlia. Tomei-a para modelo do meu desenho. Não pense, por isso, que minha mulher é Madalena. Não. Chama-se Júlia, e é um anjo. Foi nos primeiros dias do nosso casamento. Preparei a tela e chamei-a para o meu gabinete de trabalho. Fi-la ajoelhar-se, coloquei-lhe uma cruz entre os braços, ergui-lhe a cabeça, olhando para o Salvador. Eu estava inspirado. O amor tornava-me um gênio. Tomei os pincéis e comecei o trabalho. Depois, fiquei absorto, fitando-a... corri a ela e dei-lhe um abraço. Daí em diante, ela ajoelhava-se todos os dias, abraçava a cruz, e eu trabalhava. Depois expus o meu quadro. O governo honrou-me com uma medalha. Com tão formoso modelo, que pintor não seria um gênio?...

ALFREDO
Compro-lhe.

LUIZ
Não o dou... nem pela coroa de um rei!

ALFREDO
Pois bem: então voltarei amanhã para fazermos os nossos ajustes.

LUIZ
Espero-o. (*Sai, levando o quadro*)

CENA VI
Júlia e Alfredo.

ALFREDO
Preciso daquele quadro.

JÚLIA
E como hei de dar-lhe?

ALFREDO
Terá outro adereço mais rico do que esse.

JÚLIA
Não. Luiz ama tanto aquele quadro!...

ALFREDO
Não importa. Quero-o.

CENA VII
Júlia, Alfredo e Luiz.

ALFREDO
Acabo de dizer à sua senhora que daria toda a minha fortuna por aquele quadro.

LUIZ
Não o vendo. Não me seduz a riqueza, senhor. Trabalho com ardor, sacrifico-me, não por mim, mas por ela. Não quero que Júlia sofra necessidades. Ama-me muito a pobre menina, para que eu a deixe sofrer. Aquela Madalena é o retrato de Júlia, e eu amo muito minha mulher, para vender o seu retrato...

ALFREDO
Mas disse que se sacrifica para que nada lhe falte...

LUIZ

E para que nada lhe falte, não é necessário que eu venda o meu quadro. Ela que diga se tem sofrido a menor privação. Contratei hoje sete quadros para a igreja de São Pedro, por três contos de réis. Já dispus desse dinheiro: – um conto de réis para lhe comprar enfeites, um conto para sedas, um conto para mim...

ALFREDO

Procede como bom marido.

LUIZ

E sou. Amo-a, satisfaço todas as suas vontades, e sou feliz.

ALFREDO

Tendo-se por companheira um anjo, não se pode ser desgraçado.

LUIZ

Diz bem, senhor, Júlia é um anjo: alma pura, coração de ouro. Todos os dias rendo graças a Deus por ter m'a dado. E Deus ouve-me, porque cada vez sou mais venturoso com ela. Vivemos aqui esquecidos, é verdade; mas neste esquecimento há um mundo de respeito e adoração para ela – é o meu coração.

ALFREDO

Deus lhe pagará esse amor.

LUIZ

Creio.

ALFREDO

Amanhã, às quatro horas, voltarei.

LUIZ

Sim senhor.

ALFREDO (*apertando a mão de Júlia*)

Minha senhora... (*Baixo*) Às dez horas.

JÚLIA (*baixo*)

Sim...

ALFREDO (*a Luiz*)

Até amanhã.

LUIZ

Até amanhã, senhor. (*Acompanha-o à porta e desce*)

CENA VIII

Luiz e Júlia.

LUIZ

Antipatizo com este homem...

JÚLIA

Por quê?

LUIZ

Porque... olhou de mais para ti...

JÚLIA

O teu amor chega a esse ponto, Luiz?

LUIZ

Chega, Júlia. Tenho ciúmes de tudo... do chão que pisas, das flores com que enfeitas os cabelos, porque tenho medo que o chão te beije os pés... que as flores te roubem um beijo... E esse homem olhou de mais para ti, apertou-te a mão, sorriu-se...

JÚLIA

E o que tem isso, se eu só penso em ti?...

LUIZ

Só, Júlia?

JÚLIA

Sou toda tua... (*Sai, enviando-lhe um beijo*)

CENA IX

LUIZ (*sentando-se, após uma pausa*)

Esse homem olhou de mais para Júlia... apertou-lhe a mão... sorriu-se... Ele é rico, é opulento... e eu sou um pobre pintos... (*Erguendo-se*) Ora, vamos! Em que estou em pensando?... Que loucura é esta?... Júlia é um anjo, e nunca faltará aos seus deveres... Eu sou um miserável!... Fazer semelhante juízo de minha mulher, é um crime!...

CENA X

Luiz e Júlia.

JÚLIA (*alegre*)

Estás pensando de que feitio hão de ser os trincos que vais comprar para mim, não é, Luiz?

LUIZ

Não, Júlia... Estava pensando em ti... (*Tomando-lhe as mãos*) Perdoa-me!

JÚLIA (*muito admirada, olhando-o*)

O que é isso, Luiz?

LUIZ

Perdoa-me... Eu sou um louco... Duvidei um momento do teu amor... duvidei do teu coração, Júlia...

JÚLIA

O que dizes, Luiz?...

LUIZ

Mas é porque te amo muito... O amor enlouqueceu-me, e eu... estou louco... Aquele homem olhou de mais para ti... e eu pensei que tu olhaste também para ele... Mas durante o tempo que ele esteve aqui, pensaste sempre em mim... Não é verdade, Júlia?...

JÚLIA (*com amuo fingido*)

Estou zangada... Não duvidou de mim... do amor que lhe tenho?

LUIZ

Estou arrependido e peço-te perdão... Um abraço para fazermos as pazes.

JÚLIA

Mas há de prometer que não duvidará mais de mim...

LUIZ

Prometo.

JÚLIA

Então venha.

LUIZ (*abraçando-a*)

Como és boa, Júlia!

JÚLIA

Lisonjeiro!... Agora deixemo-nos de amores e vamos para dentro. Já são quase dez horas... (*Sorrindo*) O seu braço, cavalheiro, se me faz o favor...

(*Saem de braço dado. A cena fica vazia um momento*)

CENA XI

JÚLIA

Não tarde... Graças a Deus que vou ter joias e brilhantes, cobrir-me de sedas e de veludos... Eu já estava aborrecida deste viver

obsкуро... O meu desejo é aparecer, ser vista... invejada pelas mulheres, amada pelos homens... Oh! há de ser belo ver os homens ajoelhados, beijando-me as mãos... as mulheres esmagadas pela minha beleza!... (*Tirando a carta do seio*) Leiamos de novo esta carta. Certifiquemo-nos de que tudo isto não é um sonho... (*Lê:*) – “Queres ser minha?... Dar-te-ei tudo: – sedas, veludos, brilhantes... enfim, tudo quanto possa desejar uma mulher, contanto que me dê também um pouco do teu amor, que eu possa ver-te todos os dias, a todos os instantes. Sê minha: eu adorar-te-ei de joelhos; tu serás o meu Deus na terra, o meu único pensamento na vida. Sê minha: terás em mim um escravo submisso para satisfazer os teus menores caprichos. Sê minha: encontrarás em meu coração um mundo de dedicação e de amor. – Teu até a morte. – Alfredo.” – (*Dobrando a carta*) Serei sua!... Que importa que o mundo me aponte como sua amante, se ele me der ouro, se me apresentar na sociedade trajando sedas?...

(*Batem 10 horas*)

CENA XII

Júlia e Alfredo.

ALFREDO (*aparece à janela, corre a cena com a vista e salta para dentro*)
Até que enfim, posso estar a sós contigo!

JÚLIA
Alfredo!

ALFREDO
Nem sabes quanto te amo!... Vamos!... Ficarás deslumbrada ao entrar em minha casa!... Preparo-te uma surpresa...

JÚLIA
Qual é?...

ALFREDO

Queres saber?... Sedas, veludos, fitas, brilhantes, ouro, amor... e a minha vida inteira!...

JÚLIA

Isso tudo?... Vamos! quero ver tudo isso...

(Alfredo abre a porta do lado e saem. Júlia, na precipitação da fuga, deixa cair a carta. – Cena vazia)

CENA XIII

LUIZ *(entrando)*

Júlia! Júlia!... *(Pausa)* Ninguém!... *(Vendo aberta a porta do lado)* Esta porta aberta!... *(Vendo a carta)* Uma carta!... *(Apanha a carta e lê rapidamente)* Enganava-me, a desgraçada!... *(Rasga a carta e fica um momento como que entregue a um pensamento doloroso. Com amargura)* Tinha saudades da nossa infância... do tempo em que corríamos juntos pelo campo... em que rezávamos juntos!... Ah! miserável!... miserável!... *(Caindo numa cadeira)* Perdida!... Meu Deus!

ATO II

Sala rica. É noite. Ao subir o pano, a cena está vazia. Pouco depois, entra Alfredo, arrebatadamente, pelo fundo. Júlia acompanha-o, chorando.

CENA I

Alfredo e Júlia.

ALFREDO

Que Satanás carregue todas as mulheres!

JÚLIA

Mas, Alfredo...

ALFREDO

Tenho dito! Não me incomode mais com os seus caprichos! Pensa, talvez, que meu pai adquiriu com ladroeiras esta fortuna que hoje desfruto, para que eu a gaste em vidrilhos e rendas... não é assim...

JÚLIA

Mas tu me prometeste, na noite em que abandonei meu marido, que me darias tudo que eu pedisse...

ALFREDO

É verdade que prometi; mas não estou resolvido a cumprir a minha promessa. Já não fiz tão pouco em mimoseá-la com um adereço de dez contos de réis. Com a senhora. não despendo mais nem um real. Se julga que o dia de hoje é a noite de há dois anos, está enganada!

JÚLIA

Alfredo!

ALFREDO

Há dois anos, não me importava eu de deitar dinheiro fora às mãos cheias; mas hoje, as coisas mudaram de face. A sua presença já me é por demais enfadonha. Ficar-lhe-ei obrigado se sair daqui. Cada vez que entro em casa, sou perseguido com mil reclamações e caprichosas exigências, que me incomodam soberanamente. Ora que um vestido de seda, ora quer um chapéu da moda, ora um colar de brilhantes... Não estou ainda louco para empobrecer assim. Cada ceutil que com a senhora gasto é uma gota de sangue que me sai das veias: fique sabendo.

JÚLIA

Então...

ALFREDO

Então... é que não quero que me peça uma fita, porque nem isso lhe darei...

JÚLIA (*chorando*)

Ah!

ALFREDO

Chora?... Que me importa?... As suas lágrimas não me comovem nem me fazem mudar de ideias. De sobejo a conheço. A senhora sempre teve as lágrimas agarradas aos olhos. É costume antigo. Estou inteiramente aborrecido de aturá-la!

JÚLIA

Mas o que fiz eu, Alfredo?... por que me tratas assim?... Estou sempre pronta para satisfazer os teus menores desejos; nunca te exprobrei de coisa alguma; sirvo-te como uma escrava... O que mais queres de mim?... que te fiz?...

ALFREDO

Não posso receber uma carta, que não venha logo a senhora querendo saber de que trata ela; se um amigo me procura, quer a senhora saber para que fim...

JÚLIA

É falso!

ALFREDO

Silêncio!... Sou livre, minha cara, e hei de guardar-lhe tanta fidelidade como a senhora guardou a seu marido.

JÚLIA (*altiva*)

Se não guardei fidelidade a meu marido, foi o senhor o culpado. Conheceu o meu gênio, não sei como, enganou-me com promessas, deslumbrou-me com a perspectiva da riqueza... Eu acreditei... Sofri a primeira decepção na primeira noite em que aqui entrei. Procurei as sedas prometidas, os veludos, os brilhantes, e nada achei. Perguntei-lhe onde estavam: o senhor rio-se e não me respondeu... Daí em diante não tem havido um só dia em que o senhor me não repreenda sem motivo, que não escarneça de mim... Eu já estou cansada, senhor!

ALFREDO

Se está cansada, retire-se. Não me deixa saudades. De novo previno-a de que não posso tê-la em minha casa. Estou para casar-me, e torna-se impossível continuarmos a viver juntos...

JÚLIA (*como ferida de raio*)

Vai casar-se!... E eu então?...

ALFREDO (*rindo*)

A senhora pode procurar outro rumo. Não falta para onde vá. Há muitas mulheres que de bom grado lhe darão agasalho, desde que a senhora as ajuda a ganhar a vida.

JÚLIA (*indignada*)

E julga que eu seja capaz, senhor?...

ALFREDO

Supõe-se, talvez, melhor do que elas?... Pois está enganada. A mulher que abandona seu marido, para seguir um homem qualquer, contanto que esse homem satisfaça os desejos, é...

JÚLIA (*ansiosa*)

É...

ALFREDO

É uma mulher perdida.

JÚLIA (*ocultando o rosto nas mãos*)

Senhor.

ALFREDO

Entre essas mulheres não há distinções; todas são iguais; todas trabalham pelo mesmo ofício e para o mesmo fim. Vá procurá-las, viva com elas, ajude-as e seja feliz.

JÚLIA (*suplicante, chorando*)

Alfredo, pelo amor de Deus! não vês que te amo tanto?... que por ti sacrifiquei tudo... a minha honra, o meu futuro, a honra de Luiz?...

ALFREDO

Nada tenho que ver com isso.

JÚLIA

Então, para que me foste enganar, quando eu vivia tão tranquila e feliz?...

ALFREDO

Soberbo!... Perguntei-lhe se queria acompanhar-me, e disse que sim. Não tenho a culpa. Tivesse juízo; lembra-se se que era casada, que tinha prestado um juramento de fidelidade a seu marido, e não se deixasse seduzir por promessas, que, devia presumir, nunca seriam cumpridas.

JÚLIA (*com expressão de arrependimento*)

Oh! quem me mandou ouvi-lo, meu Deus!...

ALFREDO

É tarde para arrepender-se. Agora há só um caminho a seguir: é o da mulher perdida. Já é esposa adúltera, o primeiro passo está dado. Vá pedir a qualquer Messalina um agasalho, que ela lhe abrirá os braços, exclamando: "Venha! Trabalharemos juntas!"

JÚLIA

Nunca, senhor!

ALFREDO

Muitas outras, em melhores circunstâncias do que a senhora, têm seguido, com prazer, essa vida...

JÚLIA (*fitando-o, com explosão*)

O senhor é um infame!...

ALFREDO

Veja que está em meu poder, e que posso esmagá-la!

JÚLIA (*com angústia*)

Esmague-me, mate-me... Que importa? Morrerei satisfeita, porque deixarei de sofrer!

ALFREDO

Saia imediatamente!

JÚLIA (*soluçando*)

Alfredo, tens ânimo de expulsar-me de tua casa, de deixar-me ao abandono, de obrigar-me a pedir esmolas, talvez?... Oh! não!... Eu quero morrer aqui... Um pedaço de pão duro, um canto onde me deite... e fico satisfeita... Nada mais desejo. Não te pedirei mais nada, nem mesmo um pouco do teu amor, em recompensa do meu... (*Sufocada em soluços*) Vai... diverte-te... folga, mas deixa-me viver aqui... deixa-me chorar sozinha as minhas dores... as minhas agonias...

ALFREDO

Não consinto. Prepare-se para sair. Leve o que trouxe. O adereço que lhe dei ficará para outra que a substitua.

JÚLIA

Oh! deixa-me ficar, Alfredo!... (*Cai de joelhos*)

ALFREDO

Já disse que não! Retire-se!

JÚLIA (*erguendo-se, resignada*)

Seja feita a tua vontade! (*Sai*)

CENA II

ALFREDO (*recostando-se no sofá e acendendo um charuto*)

Esta mulher incomoda-me. Preciso despedi-la. Seduzi-a por um capricho, mas esse capricho já passou. Agora quero procurar novos prazeres, novas mulheres, novas Júlias!... Encontrei-a, achei-a formosa, agradou-me. Deslumbrei-a com a minha opulência, ofereci-lhe ouro, fascinei-a com o esplendor da riqueza... Novo D. Juan, sou o ideal das mulheres... Nunca fitei uns olhos, que não obrigasse a baixar-se... nunca falei no meu ouro e na minha opulência, que não fizesse uma vítima!... (*Chamando*) Júlia! Júlia!

CENA III

Alfredo e Júlia.

JÚLIA

O que mais quer de mim?

ALFREDO

Aproxime-se, se faz o favor. Chamei-a para dar-lhe um conselho.

JÚLIA

Os seus conselhos só têm servido para a minha desgraça.

ALFREDO

Não aceita?

JÚLIA

Não sei...

ALFREDO

Nesse caso, pode retirar-se.

JÚLIA (*à parte*)

Quem sabe?... Talvez se arrependesse do mal que me tem feito...

ALFREDO

Decida-se. Tenho mais em que ocupar-me.

JÚLIA

Que conselho é esse?...

ALFREDO

Ah! já o aceita?... Muito bem.

JÚLIA

Fale, senhor!...

ALFREDO

Espere um momento. Roma não se fez em um dia. Se quiser dar o devido peso as minhas palavras e seguir o caminho que vou mostrar-lhe, talvez que ainda seja muito feliz...

JÚLIA

Basta de preâmbulos, senhor!

ALFREDO

Não seja tão arrogante. A arrogância pode perdê-la de todo. Em duas palavras, vou oferecer-lhe um futuro sossegado, o esquecimento do passado, um viver tranquilo, senão ditoso...

JÚLIA

Fale...

ALFREDO

A senhora sabe que há muitos homens sem brio e sem honra...

JÚLIA

Fiquei sabendo depois que o vi, senhor...

ALFREDO (*sorrindo*)

Deixo passar o insulto... Entre esses homens, há muitos casados, cujas mulheres fazem exatamente o que a senhora fez: abandonam seus maridos, seguem o primeiro homem que lhes faz uma promessa de amor, um juramento que nunca será cumprido... Depois, vendo que não se dão bem com a sua nova vida, vão ter

com os maridos, ajoelham-se, choram, pedem perdão, juram não cair noutra, transformam-se em Madalenas arrependidas, finalmente, comovem os patetas, que lhes abrem os braços e continuam a amá-las com mais fogo e mais poesia...

JÚLIA

Onde quer ir ter, senhor?...

ALFREDO

Não tenha pressa, minha senhora. Lá chegaremos sem nos cansarmos. Os homens sem brio e sem honra não trazem sinal na testa, nem tampouco dizem o que são; pelo contrário: dizem sempre o que não são, proclamando-se em praças e ruas: – “Sou um homem de bem! sou um homem de bem! sou um homem de honra!”

JÚLIA

Não compreendo, senhor...

ALFREDO

Compreender-me há. Luiz entra no número dos que proclamam em praças e ruas...

JÚLIA

Quer dizer que Luiz...

ALFREDO

É um miserável...

JÚLIA (*altiva*)

Senhor!

ALFREDO

Sobre esta sua exclamação – senhor, falaremos depois.

JÚLIA

Conclua. Nem sabe quanto me custa estar na sua presença.

ALFREDO

O conselho que tenho a dar-lhe é o seguinte: vá ter com seu marido, ajoelhe-se, chore, peça perdão, jure não cair noutra, finja-se Madalena arrependida... e ele a receberá nos braços e continuará a amá-la...

JÚLIA

Quer dizer que Luiz é um... infame?...

ALFREDO

Nem mais nem menos.

JÚLIA

Que é um homem sem brio?...

ALFREDO

Sem dúvida.

JÚLIA

Que se eu procurá-lo, ele me receberá, como se nada tivesse havido?...

ALFREDO

Certamente

JÚLIA

Está enganado, senhor!

ALFREDO (*sorrindo*)

Eu nunca me engano. A prova tem-na em se mesma.

JÚLIA

Luiza é um pobre pintor, sem nome, sem glórias; mas é um homem honrado. A pobreza de meu marido não se compara com a sua opulência. Se eu pedisse perdão a Luiz, ele me repeliria, fugiria de mim...

ALFREDO

Muito bem. Há ainda outro meio. Passemos agora à sua exclamação teatral – senhor! – A senhora tem uma excelente voz. Porque não entra para o teatro? Não precisará de seu marido, e ganhará a vida com pouco trabalho. Quer?... Eu me encarrego de contratá-la. Quinhentos ou seiscentos mil réis mensais, muitas glórias, muitos louros, muitas proteções (porque a senhora é bonita) muitas palmas, muitos aplausos, e nenhum trabalho. Eis o que a senhora terá no teatro. Durante o dia, dorme ou passeia de carro, para ser admirada; à noite aparece no palco para emudecer uma plateia sequiosa de vê-la e ouvi-la. Não acha que é um bom emprego?...

JÚLIA

Chamou-me para insultar-me, senhor?...

ALFREDO

Nada quer, não é assim?... Despreza os meus conselhos?... Faz ml. Outra fora a senhora, a abraçar-me-ia de satisfação por ver que tanto me interesse pela sua pessoa. (*Tomando o chapéu e as luvas*) Boa noite. (*Sai*)

CENA IV

JÚLIA (*depois de um momento de silêncio, limpando os olhos*)

É sempre assim!... Sempre o escárnio, a zombaria, o insulto... nunca uma palavra de amor... (*Pausa*) Muito me tem feito sofrer este homem!

CENA V

Júlia e Alfredo.

ALFREDO (*sempre da porta*)

Tenha paciência, se a incomodo. Venho preveni-la de que, quando voltar, não quero encontrá-la mais.

JÚLIA

Vou retirar-me, senhor.

ALFREDO

Faz muito bem. A sua companhia já não me agrada muito.

JÚLIA

Não dizia isso há dois anos...

ALFREDO

Porque seria um pateta, se o dissesse.

JÚLIA

Fique descansado. Quando voltar, já não me encontrará aqui.

ALFREDO

Muito bem. Mas veja lá: de envolta com o vestido de chita com que deixou a casa de seu marido, não leve escondido algum objeto de valor!... Ah! ah! ah! (*Sai*)

CENA VI

JÚLIA

Vamos... É preciso deixar esta casa... Se eu aqui ficasse mais um dia, morreria de dor... Este homem é um infame... Paga-me com o insulto o sacrifício que por ele fiz... Que não me encontre aqui quando voltar!... (*Vai sair e para. Pensa*) Não tenho ânimo... Amo-o tanto, apesar de todos os sofrimentos que me dá! (*Com explosão*) Não! não sairei!... Quero ficar aqui... quero ser sua escrava... quero servi-lo de joelhos... embora seja desprezada. Não quero que me ame. Não! Mas... (*Com amargura*) E Luiz?... Pobre irmão da minha infância! Crias em mim como no Evangelho, e como tão vilmente te iludi!... Oh! Luiz!... meu amigo de infância... meu irmão da pobreza, meu companheiro nos sofrimentos e no prazer... perdoa-me!... pela memória de tua mãe, que tanto me amou, perdoa-me!... pela tua honra, perdoa-me!...

CENA VII

Júlia e Luiz.

LUIZ (*que, desde o meio da cena precedente, tem-se conservado encostado à porta, adianta-se, apenas Júlia profere as ultimas palavras, e para no meio da cena, cruzando os braços. Notáveis alterações há em sua fisionomia; mortal palidez cobre-lhe o rosto emagrecido; traz os cabelos em desordem e o seu vestuário é paupérrimo*)

É tarde, senhora!... A minha honra... morreu!...

JÚLIA (*ocultando o rosto nas mãos e recuando*)

Luiz!

LUIZ

Embalde se evoca o cadáver que dorme; embalde se evoca a honra que morreu... É tarde... A Messalina não é a Madalena...

JÚLIA (*com ânsia*)

Luiz!...

LUIZ

Não me chame mais por esse nome, senhora. Eu não sou Luiz... O esposo amante de outrora dorme em um túmulo de espinhos... no túmulo das ilusões da vida... Morreu! Não vá despertá-lo do seu sono eterno, para não ser mais uma vez amaldiçoada pelas suas cinzas!...

JÚLIA

Oh! perdoa-me, Luiz!... Eu sou Júlia, a tua amiga de infância...

LUIZ

Não! Luiz era uma criança: pescava no rio para sustentar sua mão... Júlia era uma criança também: fazia meiguices a seu pai... Lembra-se?... Luiz e Júlia corriam pelo campo atrás das borboletas... Eram pobres... Brincavam juntos como dois irmãos... pescavam juntos no

rio... Depois, corriam a ajoelhar-se aos pés de um velho venerando, honrado... Rezavam juntos... O bom velho sorria-se ouvindo as vozes desses dois anjos... Depois, Luiz ia para casa abraçar sua mãe... No dia seguinte, Júlia e Luiz reuniam-se de novo para correrem atrás das borboletas, pescarem no rio, rezarem... Eram felizes essas duas crianças. Cresceram e amaram-se. Luiz, protegido por seu padrinho, que era rico, foi à Itália... Quando voltou, já não era mais um pescador. Antes fora! Era um pintor... Casou com Júlia... Júlia era um anjo. Luiz era um homem honrado. Hoje o que são?... Júlia é uma mulher perdida... Luiz é um homem sem honra, um miserável... Júlia vendeu a sua honra por um adereço, e Luiz ficou desonrado!...

JÚLIA (*erguendo a cabeça*)
Esse adereço...

LUIZ
Deve ser belo. Custou dez contos de réis!

JÚLIA
Esse adereço, Luiz...

LUIZ
Como deve a senhora ficar soberba quando enfeitar-se com ele!...

JÚLIA
Esse adereço, Luiz... Espere um momento. (*Sai*)

CENA VIII

LUIZ
Sossega, coração!... Estás cansado... mas chora... chora sempre!...
Lava com tuas lágrimas de sangue as nódoas da minha honra!

CENA IX

Júlia e Luiz.

JÚLIA (*com uma caixinha*)

Aqui está o preço da minha honra, Luiz... Quer saber qual o destino que lhe dou?...

LUIZ

Guarda-o para sua eterna vergonha, não é assim?...

JÚLIA (*atirando a caixinha no chão*)

Deito-o fora!... Estes brilhantes queimam-me as mãos!...

LUIZ

Queimam-lhe as mãos... mas não lhe queimaram a consciência!...

JÚLIA (*caindo de joelhos*)

Luiz!... Perdão!...

LUIZ

Não!... Adeus!... (*Sai precipitadamente*)

CENA X

JÚLIA (*erguendo-se*)

Luiz!... (*Indo à porta*) Luiz!... (*Desce soluçando*) Meu Deus!... perdoa-lhe o ter-me ele recusado o seu perdão... Ampara-o, meu Deus!... faze-o feliz!...

CENA XI

Júlia e Alfredo.

ALFREDO

Ainda aqui?

JÚLIA

Sim, quis esperá-lo...

ALFREDO

Para quê?

JÚLIA

Para comovê-lo com as minhas lágrimas.

ALFREDO

Ah! ah! ah! Creio ter-lhe dito já que as suas lágrimas me não comovem...

JÚLIA

Não... É impossível que o seu coração esteja tão corrompido... Deixe-me ficar, senhor... Não lhe pedirei que me ame; não... Quero ficar nesta casa, para poder vê-lo todos os dias, a todos os instantes; amá-lo em silêncio... guardar no fundo do coração este amor, que os meus lábios nunca revelarão... Deixe-me ficar... Se eu sair daqui, para onde irei?... A quem pedirei amparo?... Quer ver-me pedir esmolas durante o dia?... quer ver-me à noite dormindo na calçada de alguma rua?... O seu coração é bom... Não terá ânimo de ver-me no abandono, morrendo de frio e de fome...

ALFREDO

Desengane-se. Vá ver o que trouxe e retire-se. Desejo ficar só.

JÚLIA

Oh! não perderei por certo muito tempo em ver o que trouxe!...

ALFREDO

Não pretende acabar de lastimar-se?...

JÚLIA

Piedade, senhor! Não vê como choro!... não o comovem os meus sofrimentos?...

ALFREDO

Retire-se!

JÚLIA
Alfredo!...

ALFREDO
Não quer?... Eu obrigá-la-ei!

JÚLIA
O que vai fazer?...

ALFREDO
Não sei... (*Vendo a caixinha no chão*) Quem trouxe isto para aqui?

JÚLIA
Fui eu.

ALFREDO
E já não lhe dei ordem de restituir-me isto...

JÚLIA
Deu... mas...

ALFREDO
Atirou-a com desprezo ao chão, pensando que era uma vingança,
não é assim?...

JÚLIA
Não sei...

ALFREDO
Dê-me aquele objeto, senhora!

JÚLIA (*altiva*)
Ah! Não me curvo mais!

ALFREDO (*obrigando-a a ajoelhar-se*)

Há de curvar-se!

JÚLIA (*subjugada, mas tentando reagir*)
Miserável! Miserável!

ALFREDO
Entregue-me isso, vamos!...

JÚLIA (*vencida, entregando a caixinha*)
Toma!...

ALFREDO
Espere um momento. (*Sai*)

CENA XII

JÚLIA
Meu Deus! quanta humilhação!... Perdida... condenada para sempre!...

CENA XIII

Júlia e Alfredo.

ALFREDO (*trazendo o vestido que Júlia trajava no primeiro ato*)
Aqui está. Retire-se.

JÚLIA
Alfredo... compaixão!

ALFREDO
Vamos! Saia!

JÚLIA (*com voz trêmula, mas forte*)
É... um infame!

ALFREDO (*segurando-a por um braço*)
Retire-se, ou esmagá-la-ei!

JÚLIA
Infame! infame!...

ALFREDO (*arrastando-a para a porta*)
Vamos! Saia, saia imediatamente!

CENA XIV

Júlia, Alfredo e Luiz.

LUIZ (*aparecendo à porta, no momento em que Júlia e Alfredo vão transpô-la*)
O senhor é um covarde!...

ALFREDO (*recuando*)
Ah!

JÚLIA (*caindo de joelhos*)
Luiz!

LUIZ (*cruzando os braços e fitando-a*)
Morreu!...

ATO III

Sala extremamente pobre. Uma única cadeira. Suspenso à parede, o quadro da Madalena. Ao subir o pano, Luiz, com os braços cruzados, contempla tristemente o quadro. É noite.

CENA I

LUIZ

Madalena arrependida, abraçada à cruz, chorando os erros da mocidade... (*Apontando para a porta ao lado*) Madalena arrependida, nos martírios da agonia, pedindo perdão a Deus dos crimes do passado... (*Pausa*) Foi um sonho... O longo sofrimento dessa mulher matou-me o coração para a honra... ressuscitou-o para a compaixão... O esposo amante morreu: ficou o irmão carinhoso para amparar a irmã desgraçada... O mundo é assim: no paraíso da mais tranquila felicidade, vem sempre o demônio deixar a sua parte de amarguras...

CENA II

Luiz e Doutor.

DOUTOR (*da porta*)
Dá licença, meu amigo?

LUIZ (*indo ao seu encontro*)
Bem vindo seja, doutor.

(*Descem*)

DOUTOR
Como vai a nossa doente?

LUIZ
Um pouco melhor. A lembrança do passado é que a mata...

DOUTOR
Não. O passado será esquecido, e então...

LUIZ
Então...

DOUTOR
Ainda hão de gozar dias bem felizes.

LUIZ

Engana-se, doutor. A felicidade acabou para mim.

DOUTOR

Quem sabe?

LUIZ

O meu longo martírio de dois anos...

DOUTOR

Venho trazer-lhe consolações e... Vamos, meu amigo, procure fugir a essa tristeza, que tanto mal lhe faz... Quando o verei alegre?

LUIZ

Nunca. Há tristezas que só acabam à beira do túmulo. A minha é dessas. Como posso eu mostrar alegria, doutor, se me vejo desonrado e na miséria, se vejo essa infeliz quase a expirar? Oh! se o doutor soubesse quanto tenho sofrido; os dias de angústia que tenho passado; ideias que me assaltam nessas longas noites de dolorosas vigílias, quando penso ver ainda Júlia prostrada a meus pés, implorando perdão! Custa muito, doutor... custa muito!...

DOUTOR

Compreendo o seu sofrimento, meu amigo, mas tenha coragem. Deus é grande. O infame sedutor não morre, e Deus o punirá.

LUIZ

Eu me vingarei, doutor. O maldito morrerá... Oh! se o doutor soubesse como é doce massacrarmos aqueles que nos massacraram!...

DOUTOR

E se o matar, que lucro tirará disso?... Não sabe a que penas está sujeito o homem que comete um crime?... Qual seria a recompensa desse atentado?... O cárcere, a tome, a miséria, a desonra. E o que mais?... uma morte de réprobo. Se o sedutor merece a morte, e que merece o assassino? Se o homem que, infamemente, abusa da

fraqueza de uma pobre mulher, lança a alma no inferno, onde irá parar a alma do homem, que tira, sem compaixão, a vida de outro, sabendo que essa vida pertence a Deus, e que Deus somente dela pode dispor?...

LUIZ

Mas a honra, doutor!... a honra!...

DOUTOR

O assassino vale menos do que um... cão...

LUIZ

E vale menos do que um cão o homem que não se vinga das afrontas que lhe lançam em rosto!...

DOUTOR

O amor é grande, meu amigo; mas o respeito à sociedade deve ser ainda maior. Esse homem desonrou-o?... Não importa. Fugiu... Não importa. Não procure vingar-se. Deixe que o tempo passe, que sua mulher morra, que o seu coração goteje sangue...

LUIZ

Mas para que isso?... Se eu não me vingar, quem me vingará?

DOUTOR

E Deus?... Não se lembra de Deus?...

LUIZ

O martírio tornou-me descrente, doutor.

DOUTOR

Assassinar?... Para quê?... Oh! não. Isso seria o homem lançar-se ao abismo, sabendo que nele encontraria morte inevitável. Espere... Não toma isto como um conselho de covarde, não console essa infeliz nas suas agonias, chore com ela, anime-a a ter fé em Deus, porque o resto será por conta de Deus. O seu coração talvez que hoje peça vingança; mas quando chegar a ocasião de pôr em prática essa

vingança, ele confranger-se-á, e o braço armado cairá sem força para executar uma inspiração de Satanás. Calma e resignação, meu amigo: calma na vingança, resignação no sofrimento...

LUIZ

E depois?

DOUTOR

Depois?... Quando em um momento de desvario se julgar perdido, volte-se para Deus, porque Ele é bom e misericordioso. Seja surdo a essa voz maldita que de contínuo o impele para a vingança – para o abismo. De que serve vingar-se?... Com a perda de uma vida, restituirá a vida à sua mulher?... Com o sangue que fizer correr, purificará a sua honra?...

LUIZ

Doutor!

DOUTOR

De que serviria isso, Luiz?... Louco, que olhas para o abismo, sem medir-lhe o fundo!...

JÚLIA (*dentro*)

Luiz... Luiz... Oh! como sofro!... As minhas lágrimas são de fogo!... Meu Deus, ampara-me... Nunca deixei de crer em Ti!...

DOUTOR

Ouçã: é Deus que fala pelos lábios da mártir...

LUIZ

É sempre assim, doutor!

DOUTOR

Coragem! Não podemos evitar os decretos divinos, não podemos fugir às leis do céu... Não seja covarde no sofrimento.

LUIZ

Doutor, são inúteis os seus conselhos, porque eu me vingarei...

JÚLIA (*dentro*)

Luiz... Luiz...

LUIZ (*tomando as mãos do doutor*)

Venha, doutor... Salve-a!...

DOUTOR

Vamos... Deus a salvará.

(*Saem. Cena deserta um momento. – Júlia extremamente pálida e desfigurada, amparada pelo Doutor e por Luiz, atravessa vagarosamente a cena e senta-se na cadeira*)

CENA III

Júlia, Doutor e Luiz.

JÚLIA

Oh! como sofro, doutor!...

DOUTOR

Há de ficar melhor...

JÚLIA (*fitando insistentemente o doutor*)

E não tarda, não é assim?

LUIZ

Júlia!...

DOUTOR

Deus é quem sabe, minha senhora...

LUIZ

O que diz, doutor?... Então ela...

DOUTOR (*a custo*)

Há de ficar boa...

JÚLIA

Luiz, chega-te para mim... mais perto...

LUIZ

Aqui estou, Júlia...

JÚLIA

Assim... Dá-me a tua mão... Lembras-te?...

LUIZ

De quê?...

JÚLIA

Da nossa infância... Oh! como foi doce esse tempo!... Não foi, Luiz?

LUIZ

Foi, Júlia... foi... mas...

DOUTOR

Quer tomar o seu remédio, minha senhora?...

JÚLIA

Como queira, doutor...

DOUTOR

Vou buscá-lo. (*Sai*)

CENA IV

Júlia e Luiz.

JÚLIA

Eram tão formosas aquelas manhãs em que brincávamos juntos...
tão sereno o rio em que pescávamos... Oh! como fomos felizes,
Luiz!...

LUIZ

Sossega, Júlia. Bem precisas de sossego...

JÚLIA (*delirando*)

Não... Escuta... não ouves?...

LUIZ

O quê?...

JÚLIA

Meu pai chama-nos... São horas de rezar, Luiz...

LUIZ

Meu Deus!...

JÚLIA

Ele já deve estar impaciente... Vamos... Luiz... vamos... Amanhã
tornaremos a brincar...

LUIZ

Júlia!

JÚLIA

Não queres abraçar tua mãe, Luiz?...

LUIZ

Ela delira!... Júlia!... Doutor! Doutor!...

JÚLIA

Luiz... Luiz...

CENA V

Os mesmos e o Doutor.

DOUTOR
O que há?...

JÚLIA
Luiz, aquela borboleta... Meu Deus!... não a vê?...

LUIZ
Corta o coração, doutor!...

JÚLIA (*estendendo a mão*)
Apanhei-a... Como é formosa, Luiz!... (*Com estertor*) Luiz... Luiz...
Meu Deus!... (*Deixando cair a cabeça no espaldar da cadeira*) Ah!...

LUIZ
Acuda, doutor!... Ela...

DOUTOR
Morreu!

LUIZ (*caindo nos braços do doutor, com um grito de supremo desespero*)
Ah!...



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com